

# A história ambiental e os Índios Pankará da Serra do Arapuá

## The environmental history and the Pankará Indians from Serra do Arapuá

Edivania Granja da Silva Oliveira<sup>1</sup>

Edson Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O estudo é sobre o povo Pankará, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha, PE, numa perspectiva da História Ambiental. Esta proposta faz parte da pesquisa em desenvolvimento no PPGH/UFCEG, tendo como objetivo discutir as relações do povo indígena Pankará com a Natureza, na perspectiva da História Ambiental, a partir do estudo da presença indígena na Serra do Arapuá e adjacências em meio a Caatinga no Sertão pernambucano, em sua importância para a afirmação da identidade étnica e reivindicações dos direitos indígenas. A reflexão deste estudo terá como foco a História Ambiental na percepção de compreender o contexto socioambiental do povo Pankará através dos saberes e fazeres, o acesso e utilização dos recursos naturais, as técnicas e formas de colheita, plantio, a utilização das plantas e da água em um espaço de um brejo de altitude em meio a Caatinga, em uma região do Sertão, utilizados para fins alimentares, terapêuticos e ritualísticos. Pois tais recursos e principalmente as plantas usadas na ritualística são importantes no processo de consolidação e afirmação identitária de vários povos indígenas no Sertão nordestino. Baseado em pesquisa bibliográfica, em documentos históricos disponíveis no Arquivo Público de Pernambuco, mas fundamentalmente nas memórias Pankará, para perceber os saberes e fazeres indígenas no conjunto das relações socioambientais com a Caatinga. Utilizamos a abordagem da História Oral, em uma perspectiva interdisciplinar a exemplo dos estudos sobre a Ecologia naquela região, com o intuito de compreender a população indígena local e suas relações históricas com a Natureza, valorizando os Pankará como protagonistas do fazer histórico vivendo em um Ambiente específico, o Sertão pernambucano, mobilizando-se para afirmação de sua identidade étnica e reivindicando direitos territoriais. A pesquisa também se situa no diálogo bibliográfico com os recentes estudos sobre a história indígena no Nordeste e a História Ambiental buscando contribuir para ampliar as reflexões sobre o campo da História Ambiental, por meio de estudos sobre a História, o Ambiente, as sociabilidades, a territorialidade, a identidade, as expressões socioculturais indígenas e a relação dos Pankará com a Natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Ambiental; Índios Pankará; Serra de Arapuá.

---

<sup>1</sup>Professora de História do IF Sertão-PE Campus Petrolina. Mestre em História pelo PPGH/UFCEG. Doutoranda em História Social USP, modalidade DINTER USP/UFCEG. E-mail: edivania.granja@gmail.com.

<sup>2</sup>Doutor em História Social pela UNICAMP. Professor no Centro de Educação/Col. de Aplicação-UFPE/Campus Recife. Leciona no Programa de Pós-Graduação em História/UFPE, no Programa de Pós Graduação em História/UFCEG (Campina Grande/PB) e no Curso de Licenciatura Intercultural na UFPE/Campus Caruaru, destinado à formação de professores/as indígenas em Pernambuco. E-mail: edson.silva@gmail.com



**ABSTRACT:** The study is about the Pankará people, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha, PE, from a perspective of Environmental History and the Indians in history. This research was carried out within the framework of the PPGH / UFCG, aiming to discuss the relations of the Pankará indigenous people with nature, based on studies and research on the indigenous presence in the Serra do Arapuá and adjacent areas in the Caatinga in the Sertão Pernambuco, in its importance for affirming ethnic identity and claims of indigenous rights. The reflections of these studies aimed to understand the socio-environmental context of the Pankará people through knowledge and actions, access and use of natural resources, techniques and forms of harvest and planting, plant use in therapy and ritual, availability and access to water in an area of high altitude. So, such resources, especially the plants used in rituals, are important in the process of consolidation and identity affirmation of various indigenous peoples in the Northeastern Sertão. Based on bibliographic research, in historical documents available in the Public Archive of Pernambuco, but fundamentally in the Pankará memories, we learn indigenous knowledge and practices in the set of social and environmental relations with the Caatinga. We use the Oral History approach, in an interdisciplinary perspective involving anthropological, geographic, botanical, etc. studies, through studies on History, Environment, sociability, territoriality, identity, indigenous sociocultural expressions and the relationship of Pankará with nature.

**KEYWORDS:** Pankará identity; social and environmental relations; Serra de Arapuá

## Introdução

Esta proposta faz parte da pesquisa em desenvolvimento no PPGH/UFCG, tendo como objetivo discutir as relações do povo indígena Pankará com a Natureza, na perspectiva da História Ambiental, a partir do estudo da presença indígena na Serra do Arapuá e adjacências em meio a Caatinga no Sertão pernambucano, em sua importância para a afirmação da identidade étnica e reivindicações dos direitos indígenas.

O povo indígena Pankará habitam o espaço da Serra do Arapuá, fazendo parte do complexo maior de serras que é formado pela Serra Negra, situada na região semiárida do estado de Pernambuco, encontra-se entre os atuais municípios de Inajá e Floresta e a partir do Decreto Federal no. 87.591, de 1982, constituiu-se na Unidade de Conservação de Proteção—Reserva Biológica de Serra Negra, tendo como característica a formação de brejos de altitudes, denominadas regiões úmidas e isoladas dentro de áreas secas. (ICMBIO, 2012).

Os brejos de altitudes do Semiárido do Nordeste são espaços de habitação de grupos humanos há centenas de anos, como é o caso da Serra do Arapuá. Registros desde o início do processo da colonização portuguesa na região citam a sua ocupação por indígenas e também por grupos quilombolas, servindo como refúgio e moradia desses grupos. (SILVA, 1999). A Serra do Arapuá tem altitude aproximada de 900 metros, atualmente faz parte do município de Carnaubeira da Penha/PE, possuindo em torno de quarenta e sete aldeias, habitadas pelos



Pankará, por pequenos agricultores e alguns fazendeiros de médio porte. (SOCIOAMBIENTAL, 2012).

Essa região desde o século XVII passou a ser alvo de ocupação por não índios, dentro da lógica de expansão da atividade açucareira através do deslocamento da criação de gado para o interior da Costa ou para os “sertões”. (LOPES, 2004). Para isso, uma importante via de acesso utilizada foi o Rio São Francisco, pois “foi através do São Francisco que o movimento colonial, inicialmente esparramado pela Zona da Mata, se afinou no Agreste e penetrou fundo pelo Sertão”. (ARRUTI, 1995, p. 63).

O sertão é alvo de interesses diversos como afirma Soraya G. Araújo,

[...] O sertão e sua abundância de terras e a certa facilidade em adquiri-las através do sistema de doações de sesmarias levou a uma ocupação territorial de maneira intensiva, de forma mais ativa e sistemática [...] ocupar e explorar efetivamente essas abundantes terras significava manter o controle e a defesa dos novos territórios incorporados [...] (ARAÚJO, 2007, p. 84).

Assim, esse processo expansionista de interiorização do empreendimento colonizador português na América, especialmente na Capitania do Norte deu-se inicialmente por meio da implantação das missões, sob a égide da Igreja Católica Romana, principalmente com a atuação dos missionários Jesuítas, Capuchinhos e Oratorianos. A atuação desses religiosos contribuiu sobremaneira para o processo de aldeamento de povos indígenas considerados “hostis”, o que propiciou o expansionismo colonial. (SILVA, 2012).

As missões instaladas em áreas do Rio São Francisco eram compostas por uma heterogeneidade de povos indígenas e tendo como um dos objetivos conter a insegurança provocada pelos índios “não civilizados”, como é o caso dos índios Umãs, tidos como “bárbaros”, tinham vida nômade e praticavam a caça e a coleta de frutas silvestres. No século XVIII, as bandeiras organizadas pelo governo de Pernambuco, cuja finalidade era assegurar a ocupação das terras pelos criadores de gado e como a chefiada por Jerônimo Mendes que pretendia encurralar os índios na Serra Negra tinha conhecimento de índios na Serra do Arapuá. (SALDANHA, 2011).

Atualmente, os índios Pankará habitam a Serra do Arapuá confirmam sua presença através da relação intrínseca com a Serra, “Nasci no torrão da Serra, na Aldeia Lagoa. Nasci dentro da Aldeia. A mãe que me pegou, a parteira era índia, tinha muita experiência na reza, oração e tenho orgulho de ser Índio Pankará” (Pajé Manoelzinho Caxeado, 2012).

Com as políticas implantadas pelo Marquês de Pombal, no século XVIII teve significativa alteração na política indigenista através da expulsão dos jesuítas e da criação do



Diretório, resultando até os nossos dias em questões de litígios de terras nas áreas indígenas, envolvendo posseiros. (GALINDO, 2011). Já no século XIX, durante o governo imperial foi implantada a Lei de Terras (1850), que teve como consequência para os indígenas a expropriação de suas terras, a extinção de aldeamentos, provocando a dispersão dos povos indígenas através da negação de suas identidades étnicas e do aumento da exploração das suas terras. (SILVA, 2006).

Com relação aos indígenas do sertão pernambucano restou como opção o arrendamento das suas terras invadidas pelos fazendeiros ou o refúgio em outras áreas indígenas, caso dos indígenas que no final do século XIX refugiaram e mantiveram arredios na Serra Negra, “último símbolo de resistência” (ARRUTI, 1995, P. 68). Dessa forma, as serras foram e ainda são espaços de resistência e sobrevivência para os indígenas através do uso de recursos desses ambientes, traduzindo numa relação histórica, sociocultural e identitária, como os Pankará que vivem na Serra do Arapuá e destacam sua ancestralidade com a Serra Negra (MENDONÇA, 2003).

Os saberes e fazeres dos povos indígenas que habitam o Bioma Caatinga, no semiárido brasileiro é fruto de uma aprendizagem de longo tempo de convivência com esse ambiente, que apresenta grande diversificação nos seus ecossistemas, demandando por parte dos indígenas estratégias variadas de práticas agrícolas, de caça, de pesca, de extração de produtos vegetais e animais para fins diversos, principalmente na terapêutica e na ritualística (CASTRO *et all.*, 2010).

A partir das décadas de 70 e 80, do século XX destaca-se uma série de mobilizações dos indígenas do Nordeste na luta pelo reconhecimento de seus direitos e de suas identidades étnicas. Nesse contexto encontra-se o estudo em andamento sobre as relações intrínsecas do povo Pankará com a Caatinga, mais especificamente na Serra do Arapuá, Serra Negra e adjacências, em uma reflexão na perspectiva da História Ambiental a partir das relações sobre o acesso desse povo indígena aos recursos naturais desse Bioma.

Vale destacar que os grupos indígenas no Nordeste participaram de um longo processo de resistência, resultando em movimentos de emergências étnicas e reconstrução de suas identidades. (OLIVEIRA, 1999). Entretanto, Contemporaneamente, o processo histórico sociocultural vivenciado pelos povos indígenas no Sertão pernambucano, ocorre no sentido da afirmação de suas identidades étnicas, envolvendo questões de autorreconhecimento e autoafirmação enquanto grupos indígenas, como o reconhecimento e identificação frente à sociedade brasileira, além das mobilizações pelas reivindicações de territórios, do Ambiente, e expressões socioculturais, fatores fundamentais para afirmação étnica dos povos indígenas.



Compondo esse quadro descrito, encontra-se o Povo Pankará,

Recentemente em 2003, tornou-se público o ressurgimento dos Pankauiká, e dos Pankará em Pernambuco. Esses povos reunidos na cidade de Olinda/PE em 2003, no I Encontro Nacional dos Povos Indígenas em Luta pelo Reconhecimento Étnico e Territorial, se autodenominaram povos resistentes. São povos que vivenciaram um processo dinâmico de reelaborações das suas identidades étnicas, em contextos de lutas pela terra, pela conquista e garantia de seus direitos sociais, a exemplos de uma educação e saúde diferenciadas. (SILVA, 2004, p. 133-134).

A Serra do Arapuá e sua importância para os Pankará é destacado por Carolina Mendonça que “a Serra do Arapuá – considerando que este é o espaço físico e simbólico de ocupação tradicional e de representação identitária do grupo” (MENDONÇA, 2003, p. 19).

Todo o processo de expropriação de terras e de negação das identidades étnicas dos indígenas gerou consequências e conflitos de diversas ordens, como é o caso dos índios que habitam a Serra do Arapuá e dos índios que habitam a Serra do Umã,

Possuem uma relação histórica e de parentesco com o grupo Atikum-Umã (Carnaubeira da Penha) permeada por conflitos e instabilidades, expressas por políticas de alianças no período da emergência do povo Atikum, na década de 1940, e de ruptura no período da delimitação e demarcação na década de 1990, que se restringiu à Serra do Umã. (MENDONÇA, 2003, p. 11).

Na esteira dessa afirmativa, o Pajé Pankará Manoelzinho Caxeado declarou que,

Os Atikum é o mesmo povo. Minha família por parte do avô paterno era os Caxeados. Os Atikum tem também lá no Olho da Água do Padre, perto de Conceição das Crioulas e a outra família era os donos da Serra e muitos foram expulsos. Tinha os índios chamado Mestre Juazeiro, Sultão das Matas, Reis das Matas. O Velho Jucá é da mesma geração nossa. (PAJÉ MANOELZINHO CAXEADO, 2012).

Pode-se apontar que os índios do sertão pernambucano ainda têm que lutar e mobilizar-se para o reconhecimento de suas identidades étnicas, para garantia de seus territórios e conquista de inclusão nos programas governamentais de acesso a políticas públicas. (COLAÇO, 2006).

O nosso estudo foca as relações do Povo Pankará com o Ambiente em que vivem numa perspectiva da História Ambiental, por possibilitar aprofundar a compreensão “de como



os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”. (WORSTER, 1991, p. 200).

Nesse sentido, o campo da História Ambiental

É uma abordagem das questões ambientais no tempo e que encontra no meio ambiente o seu objeto de investigação [...] o meio ambiente não constitui objeto de estudo exclusivo da História e demais ciências sociais [...] comporta múltiplas abordagens disciplinares (MARTINEZ, 2006, p. 20).

Para tanto, este estudo pretende discutir o processo histórico de afirmação do povo Pankará em suas relações com o Ambiente, especialmente o estudo das técnicas e formas de colheita, plantio e uso de plantas e outros recursos naturais como a água em um espaço de um brejo de altitude em meio a Caatinga, em uma região do Sertão, utilizados para fins alimentares, terapêuticos e ritualísticos. Pois tais recursos e principalmente as plantas usadas na ritualística são importantes no processo de consolidação e afirmação identitária de vários povos indígenas no Sertão nordestino (COLAÇO, 2006).

Os Pankará na afirmação identitária os seus saberes entrelaçam com o Ambiente, como destacou o Pajé Pedro Limeira, da Aldeia Serra Cacaria, Serra Arapúá:

Nasci índio. Não sei ler. Fui lidando com animais, andando nas matas. Sou índio. A ciência e sabedoria aprendi nas matas, caçando, cuidando das matas, sombras, saber conhecer as réstias, analisar. Aprendi assim, tinha a ciência e sabedoria dos primeiros índios. Não aprendi nada escrito, aprendi nas matas. As matas só usa para remédio. A terra é viva, é a mãe de todos nós e dos animais. A terra é criadora (PAJÉ PEDRO LIMEIRA, 2012).

E também o Pajé Manuelzinho Caxeado, da Aldeia Lagoa, Serra do Arapúá: “Os Pankará têm quatro Pajés. São os que têm ciência, os mais velhos. Fui ensinado pela Natureza. Cada ensinado é da Natureza.” (PAJÉ MANOELZINHO CAXEADO, 2012).

Portanto, para compreender os processos vivenciados pelo povo indígena Pankará, em suas relações com a Natureza, faz-se necessário perceber os espaços de sociabilidades, as vivências cotidianas e as práticas socioculturais e ambientais daquela população indígena na região onde habita.

A relação dos seres humanos com a Natureza ao longo da História tem como uma das características o desenvolvimento de técnicas utilizadas para a sobrevivência que ao mesmo

tempo modifica o Ambiente, produzindo cultura como também interfere na própria forma da existência humana, como é o caso do Povo Pankará, por isso vale salientar que “afirmar que os indígenas não transformam o meio natural é quase uma forma de ignorar suas capacidades como produtores de cultura” (DUARTE, 2005).

Nessa relação podemos apontar que o papel do historiador ambiental é interpretar as mudanças ou permanências dos saberes e fazeres dos humanos em relação aos usos dos recursos naturais num determinado local. (MARTINEZ, 2005, p. 33).

Assim, esta pesquisa em andamento esta focada na História Ambiental, na percepção de compreender o contexto socioambiental do povo Pankará através dos saberes e fazeres, o aceso e utilização dos recursos naturais do Ambiente onde vive. De acordo com a afirmativa de João Manoel de Sá (conhecido por João Paulo), indígena Pankará da Aldeia do Brejinho,

Quanto mais o tempo mais se desgasta, muita barragem, muito desmatamento. Agora não tão mais desmatando, porque não tem mais folha e até os incêndios diminuíram. As plantas nativas do Pé da Serra tem Jatobá que serve para o sangue e pra gripe. O mororó, a caatinga branca, a caatinga, o angico, o marmeleiro, a umburana de cambão. Tem muita jurema preta e também tem jurema branca e o espinheiro que é outra Jurema. O caroá é muito usado para fazer corda, antigamente tinha muito mais, hoje com as roças diminuiu. Agora o cajueiro é nativo. Tem também a pinheira, a jaca, a manga, a goiabeira e o umbu. As roças diminuíram até o umbuzeiro. Nós planta cana-de-açúcar, arroz, feijão de corda, arranca, milho, batata, macaxeira e guandu. E cria galinha, bode e gado. Aqui também tem muita onça suçuarana que come a criação. (João Manoel de Sá, 2012).

Pode-se destacar que os saberes locais sobre o Ambiente é resultado das estratégias adotadas para garantir a sobrevivência e a mobilização pela posse do território dos indígenas. (CAMPOS, 2006).

Em nosso estudo enfocamos a história do povo Pankará em suas relações com a Serra de Arapuá e adjacências, a partir da pesquisa de memórias para perceber os saberes e fazeres indígena no conjunto das relações socioambientais com a Caatinga, na concepção histórica de percepção do passado como, “conceber o passado não é apenas selá-lo sob determinado significado, construir para ele uma interpretação; conceber o passado é também negociar e disputar significados e desencadear ações”. (ALBERTI, 2004, p. 33).

Pode-se perceber a memória como a reinvenção de um passado em comum, favorecendo novos olhares para a compreensão do presente e a projeção futura. Por isso, a História pode conter fragmentos ou seleção de dados da memória individual vinculada com a história social. Pode-se apontar que a memória é seletiva uma vez que está voltada tanto para

o campo social como o individual. A seleção das lembranças sofre influências do campo sociocultural do grupo ao qual o narrador pertence.

Nesse sentido, (HALBWACHS, 2004) afirmou que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. E ainda, outro pesquisador destacou que, “Para existir de fato, um grupo étnico precisa da memória social, de sua história; portanto, se há índio, estes mantêm a memória de seu passado.” (REESINK, 2011, p. 528).

O campo historiográfico é ainda focado na História Oral com pesquisas sobre história e memória, pois a importância da História Oral consiste em propiciar as subjetividades e as representações do passado de forma objetiva, atuando a partir da realidade e da nossa compreensão do passado. (ALBERTI, 2004). Assim, esse estudo considera procedimentos metodológicos que possibilite contemplar a natureza da pesquisa, o cenário, os interlocutores, bem como os formatos e a análise de dados. A pesquisa pretende analisar as maneiras de ser e de fazer do povo Pankará.

O cenário da pesquisa é a Serra do Arapuá e adjacências, no município de Carnaubeira da Penha/PE, Sertão pernambucano, tendo como atores principal o povo indígena Pankará. Utilizando-se de procedimentos metodológicos das pesquisas bibliográficas, da História Oral em uma perspectiva de abordagens interdisciplinares a exemplo dos estudos da Ecologia sobre aquela região, com o intuito de compreender a população indígena local e suas relações históricas com a Natureza, valorizando os sujeitos, como protagonistas do fazer histórico vivendo em um Ambiente específico, o Sertão pernambucano, mobilizando-se para afirmação de sua identidade étnica e reivindicando direitos territoriais.

O desenvolvimento dessa pesquisa é de natureza qualitativa. Para Ludke & Andre (1995), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Para a coleta de dados utilizamos como suporte metodológico o método de entrevistas semiestruturadas e entrevistas/narrativas de acordo com a técnica da História Oral. A pesquisa também se utiliza de fontes bibliográficas sobre a História do Sertão, dos indígenas no Nordeste e da História Ambiental da Caatinga. Além de documentos disponíveis no Arquivo Público de Pernambuco sobre a região a ser estudada.

As entrevistas são temáticas, focadas nas questões da História das relações sociais e ambientais. Selecionamos para participar das entrevistas lideranças do povo Pankará, mulheres e homens mais velhos, a fim de perceber os saberes e fazeres dos Pankará historicamente construídos na convivência com a Caatinga, na Serra do Arapuá e adjacências.



As análises e interpretações dos dados obtidos serão com o intuito de contribuir na afirmação, valorização e proporcionar maior visibilidade dos indígenas no Sertão de Pernambuco, especificamente o povo Pankará por meio da produção de artigos científicos para elaboração da Dissertação como resultado da pesquisa realizada.

Dessa forma, pretende-se que este estudo contribua para ampliar reflexões sobre o campo da História Ambiental por meio de pesquisas sobre a história, as sociabilidades, a territorialidade, a identidade, as expressões socioculturais e as relações dos Pankará com a Caatinga.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

ARAUJO, Soraya Geronazzo. **O muro do Demônio: economia e cultura na Guerra dos Bárbaros no Nordeste Colonial do Brasil – séculos XVII e XVIII**. Fortaleza: PPGH/UFCE, 2007. (Dissertação em História).

ARRUTI, José M. A. Morte e vida do Nordeste indígena: a emergência étnica como fenômeno histórico regional. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 57-97. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1995>. Acessado em 30/09/2012.

CAMPOS, Carla Siqueira. **Por uma antropologia ecológica dos Fulni-ô de Águas Belas**. Recife: UFPE, 2006. (Dissertação em Antropologia).

CASTRO, Marina Siqueira de. *et all.* **Etnodesenvolvimento Pankará: uma reflexão contemporânea sobre projetos indígenas no Semiárido**. Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas & Natureza na América Latina, 2010.

COLAÇO, Miguel Ângelo da Silva. **Etnobotânica dos índios Pankará, no Raso da Catarina–Bahia**: uso e importância cultural de plantas da Caatinga. Feira de Santana, UEFES, 2006. (Dissertação em Botânica).

DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Contexto, 2005.

GALINDO, Marcos. A submergência tapuia. In: OLIVEIRA, Pacheco. (Org.). **A presença indígena no Nordeste**: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011, p. 167-215.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Centauro, 2004.

ICMBIO. **Análise da Região da Unidade de Conservação**. Encarte 2 – Plano de Manejo da Reserva Biológica da Serra Negra. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/serra%20negra-analise.pdf>. Acessado em 28/09/2012.



LOPES, Esmeraldo Gonçalves. **Até onde a memória alcança: um estudo sobre catingueiros e beiradeiros no Sub-Médio do Vale do Rio São Francisco**. Recife, UFPE, 2004. (Dissertação em Sociologia). Disponível em: [www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20041124145735.pdf](http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20041124145735.pdf), acessado em 20/09/2012.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisas em Educação: abordagens educativas**. São Paulo, Editora Epu, 1995.

MARTINEZ, Paulo Henrique. Brasil: desafios para um História Ambiental. **Nômad**, n.º. 22, Abril 2005, Universidad Central-Colômbia. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3994658>. Acessado em 25/09/2012.

\_\_\_\_\_. **História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: CORTEZ, 2006.

MENDONÇA, Caroline Farias Leal. **Os índios da Serra do Arapuá: identidade, território e conflito no Sertão de Pernambuco**. Recife, UFPE, 2003. (Dissertação em Antropologia).

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos “índios misturados”: situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (Org.). **A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro, Contra Capa, 1999, p. 13-38.

REESINK, Edwin. O coração da aldeia: a Ilha, dominação interétnica, expropriação territorial histórica e “invisibilidade” dos Kaimbé de Massacará. In: OLIVEIRA, Pacheco (Org.). **A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória**. Rio de Janeiro, Contra Capa, 2011, p. 513-546.

SALDANHA, Suely Maris. Fronteiras dos Sertões em narrativa: índios, conflitos, resistências e políticas pombalina. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/SNH2011/TextoSuelyMS.pdf>. Acessado em 27/09/2012.

SILVA, Edson. “Os caboclos” que são índios: História e resistência indígena no Nordeste. In: **Portal do São Francisco—Revista do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco/CESVASF**. Belém de São Francisco, ano III, no. 3, 2004, p.127-137.

\_\_\_\_\_. Índios organizados, mobilizados e atuantes: história indígena em Pernambuco nos documentos do Arquivo Público. **Revista de Estudos e Pesquisas. Brasília**, FUNAI, v.3, n.1/2, p.175-224, jul./dez. 2006. Disponível em [http://www.funai.gov.br/projetos/Plano\\_editorial/Pdf/REP3-2-1/07indios\\_organizados\\_mobilizados\\_e\\_atuantes\\_Edson\\_Silva.pdf](http://www.funai.gov.br/projetos/Plano_editorial/Pdf/REP3-2-1/07indios_organizados_mobilizados_e_atuantes_Edson_Silva.pdf). Acessado em 30/03/2012.

\_\_\_\_\_. História, reelaboração cultural e resistência indígena no Nordeste. **Revista NetHistória**. Disponível em <http://www.nethistoria.com.br/index.php?secao=conteudo.php&sc=3&id=454&cp=1021>. Acessado em 28/09/2012.

SILVA. Luís Severino da. Brejos de altitude, refúgios para os grupos humanos do Sertão: o caso da Serra do Arapuá, Floresta, PE. **Clio Série Arqueológica**, v.1, n. 14 - Anais da X Reunião Científica da SAB. Recife: UFPE, 1999, p. 237-244. Disponível em <http://www.ufpe.br/cliolarq/images/documentos/2000-N14/2000a16.pdf>. Acessado em 27/11/2012.



SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas do Brasil: Pankará: localização e contexto.**  
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pankara/1353>. Acessado em 24/09/2012.

WORSTER, D. Para fazer História Ambiental. In: **Estudos Históricos**, Vol. 4, N. 8, 1991, CPDOC/FGV. Disponível em:  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2324>. Acessado em 20/09/2012.

#### **Entrevistas:**

João Manoel de Sá (conhecido por João Paulo), 86 anos. Aldeia do Brejinho, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 05/11/2012.

Manoel Antonio do Nascimento (Manoelzinho Caxeado), 80 anos. Aldeia Lagoa, Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 30/11/2012.

Pedro Limeira, 82 anos. Serra da Cacaria/Serra do Arapuá, Carnaubeira da Penha/PE, em 05/11/2012.

